



BOCA - BIENNIAL OF CONTEMPORARY ARTS

ADILSON
UMA ÓPERA DE
DINO D'SANTIAGO

12 A 14 SET 25

CCB

ARTES
PERFORMATIVAS

Temporada 2025/2026

Grande Auditório
Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h
M/12
Duração aproximada: 120 min

ESTREIA MUNDIAL

ADILSON

UMA ÓPERA DE DINO D'SANTIAGO

Conceito e Encenação **Dino D'Santiago**

Libreto e Dramaturgia **Dino d'Santiago**,

a partir do texto original «Serviço Estrangeiro», de **Rui Catalão**

Direção Musical **Martim Sousa Tavares**

Composição Musical / Produção Musical **Dino D'Santiago e Djodje Almeida**

Arranjos para Orquestra **João Martins**

Música **Iuri Oliveira, Djodje Almeida, Mais Hreish, Raúl da Costa**

Orquestra Sinfónica Juvenil (CCB, Lisboa)

Orquestra Sinfonietta de Braga (Theatro Circo, Braga)

Orquestra do Algarve (Teatro das Figuras, Faro)

Orquestra das Beiras (Teatro Aveirense, Aveiro)

Intérpretes **Michelle Mara, Cati, NBC, Soraia Morais, Koffy,**

Rebeca Reinaldo, Rúben Gomes

Convidado especial **Adilson Correia Duarte** a.k.a **Bonny**

Assistência de Encenação **Solange Freitas**

Colaboração na Direção de Atores **Cláudia Semedo**

Direção Vocal **Francisco Pessoa Júnior**

Cenografia **Pedro Azevedo**

Desenho de Luz **Rui Monteiro**

Desenho de Som **Bruno Lobato**

Direção de Cena **Francisca Rodrigues**

Figurinos **José Tenente**

Direção de Produção **José Maria Cortez (BoCA)**

Produção Executiva **Irina Leite Velho**

Comissão e Produção **BoCA - Biennial of Contemporary Arts** (Lisboa)

Gestão de Produção **Local Global**

Coprodução **Centro Cultural de Belém** (Lisboa), **Theatro Circo** (Braga),

Teatro das Figuras (Faro), **Teatro Aveirense** (Aveiro)

ADILSON - A Ópera

Adilson nasceu em outubro de 1983, na cidade de Luanda. Filho de pais cabo-verdianos que se encontravam de passagem por Angola, antes de emigrarem para o sul de Portugal, em setembro de 1984. Foi batizado, fez a Profissão de Fé e frequentou a catequese na Igreja Matriz de Quarteira, ao lado dos seus cinco irmãos. Viveu toda a sua vida em território português. Apenas uma vez saiu do país, numa breve visita à cidade de Marselha, no final dos anos 90.

Apesar de, em 2025, completar 42 anos de vida em Portugal, Adilson continua sem cidadania portuguesa. O país onde cresceu, estudou, trabalhou, construiu laços e formou a sua identidade, jamais lhe reconheceu o direito à nacionalidade. A sua mãe, Matilde, tudo tentou para legalizar a situação do filho, mas partiu sem ver esse sonho concretizado – vítima de um ataque cardíaco fulminante. No seu último sopro de vida, chamou pelo nome do seu primogénito, Milton, irmão mais velho de Adilson, que se suicidara anos antes no Estabelecimento Prisional de Pinheiro da Cruz, em Grândola, na Vila Morena.

A ópera *Adilson* atravessa a biografia emocional e política deste homem. Um filho da diáspora cabo-verdiana, nascido, por acaso, em Luanda, mas moldado no corpo e na alma pelas margens do Algarve. Cresceu a tentar ser aceite como português num país que, esquina após esquina, lhe foi armando armadilhas burocráticas e simbólicas. Um país que lhe ensinou a língua, mas nunca lhe deu a palavra final: pertença.

Este projeto nasce como um manifesto lírico pela justiça, uma denúncia poética dos mecanismos invisíveis que perpetuam o «não lugar» de milhares de vidas como a de Adilson. Vítima do extinto SEF e agora também da ineficiência da AIMA, ficou aprisionado numa teia de mais de 400 mil processos de autorização de residência pendentes, um nó que se apertou ainda mais com a paralisia global provocada pela pandemia da COVID-19.

Ao longo da ópera, outras histórias cruzam-se com a de Adilson, tecendo uma tapeçaria feita de resistência, amor, luto e esperança. Cada cena revela camadas de um sistema que falha os seus cidadãos invisíveis. E é no clímax desta jornada, entre coros de dor e vozes de resgate, que Adilson, enfim, proclama:

Eu não sou português. Eu sou Portugal. Um país à espera.

MANIFESTO

Há obras que nascem para entreter.

E há outras que nascem porque não havia mais como calar.

A ópera *ADILSON* é um corpo insurgente.

Não é espetáculo: é exorcismo.

Não é só música: é mapa.

Não é só texto: é tambor batido na carne.

Não estamos a construir apenas uma peça – estamos a erguer um altar.

Com vozes, claves e cicatrizes.

Com memórias de um menino nascido em Luanda que nunca teve uma pátria que o reconhecesse por inteiro.

Com o grito calado das mães que viram os seus filhos serem empurrados para os corredores de um sistema que os quer esquecidos.

Esta ópera não pertence a um país.

Pertence ao Atlântico negro que nos moldou a pele, o sonho e o medo.

Pertence às mães de Cabo Verde, às avós da Guiné-Bissau, aos tambores de Moçambique, às máscaras de São Tomé, à chuva do Brasil, à saudade de Portugal.

Pertence a todos os corpos que, ao atravessar fronteiras, foram despidos da sua humanidade para caberem em números, processos, estatísticas, regimes de exceção.

Este não é um projeto artístico.

É um ritual de cura.

É uma oferenda.

É a travessia de Adilson, mas é também a nossa.

- De cada um que aqui trabalha.
- De cada mulher que vê no Batuque uma espada.
- De cada homem que redescobre a ternura na sua fragilidade.
- De cada jovem que se recusa a morrer antes de viver.

Queremos que cada instrumento toque como se fosse a primeira vez que se ouve a verdade.

Que cada voz cante como quem chora um avô que partiu sem dizer adeus.

Que cada cena respire com o suor dos que lutaram
para nos deixar aqui.
Não estamos a fazer arte.
Estamos a levantar os ossos que o mar escondeu.
Estamos a devolver nome aos que foram chamados de número.
Estamos a dançar com o que restou.

A missão é clara:
restituir dignidade através do som;
rasgar o véu do silêncio com tambores e palavras;
acordar os mortos para que os vivos não durmam mais.

A ópera *ADILSON* é um caminho – e cada um de nós é parte dele.
Da escrita ao cenário, da luz à música, da produção ao gesto mais
pequeno: cada ação é sagrada.
O palco é um território de memória, não de vaidade.
Aqui, o ego serve à obra, não o contrário.

Por isso, a cada ensaio, a cada reunião, a cada escolha,
lembremo-nos:
Estamos ao serviço de algo maior do que nós.
Não queremos palmas vazias.
Queremos respirações suspensas.
Queremos lágrimas sem palavras.
Queremos que quem assista leve esta ópera no corpo – como quem
regressa de um lugar que não sabia que habitava.

A ópera *ADILSON* é para os que vieram antes,
para os que vêm agora,
e para os que ainda não nasceram,
mas já ouvem, ao longe, o batuque do seu nome.

Seguimos juntos,
na travessia.
Com coragem.
Com verdade.
Com amor.



Sinopse

Numa encomenda e produção original da BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas, Dino D’Santiago foi desafiado a estrear uma ópera que cruza história, cultura e a identidade multicultural portuguesa.

Adilson é uma ópera em cinco atos dirigida por Dino D’Santiago, a partir do texto original *Serviço Estrangeiro*, de Rui Catalão, e direção musical de Martim Sousa Tavares. Acompanhamos a jornada de um homem afrodescendente, nascido em Angola, filho de pais cabo-verdianos, que vive há mais de 40 anos em Portugal – sem nunca ter obtido cidadania portuguesa. Chamado D’Áfonsa pelos amigos, Nuno pela família e Adilson no passaporte, a sua vida desenrola-se entre salas de espera, processos adiados e um labirinto burocrático que o impede de ser plenamente reconhecido pelo país onde sempre viveu.

Mais do que um indivíduo, *Adilson* representa milhares de pessoas deixadas nas margens do sistema. A ópera transforma a espera em poesia e faz da invisibilidade um ato de resistência. No culminar da obra, ouve-se o grito que ecoa para além do palco: «Eu não sou português. Eu sou Portugal. Um país à espera.»

Abordando temas como a injustiça social, a discriminação, a fragilidade humana e a esperança, esta primeira incursão de Dino D’Santiago no território da ópera assinala igualmente os cinquenta anos do fim da presença militar portuguesa em terras coloniais nos territórios africanos.



Dino D'Santiago

© Telmo Pereira by Lisboa Amsterdam



Martim Sousa Tavares

© Diana Tinoco / OSF



João Martins

© Universidade de Aveiro



Pedro Azevedo

© Filipe Ferreira



Rui Monteiro

© Lovis Ostenrik



Solange Freitas

© Lobomau Produções





NBC

© Arlindo Camacho



Ruben Gomes

© Martinho Morouço



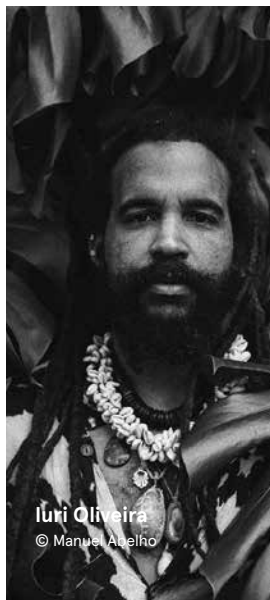
Djodje Almeida

© Filipe Feio



Mais Hreish

© Clara Evens



Iuri Oliveira

© Manuel Amêlho



Raúl da Costa

© Insónia Image Production

Dino D'Santiago

CONCEITO, ENCENAÇÃO, LIBRETO E
DRAMATURGIA

Músico, compositor e ativista, Dino D' Santiago é atualmente um dos artistas mais aclamados pela crítica e pelo público em Portugal. Filho de pais cabo-verdianos, nasceu em Quarteira, no Algarve. Deu-se a conhecer ao público em 2003, num concurso de talentos da RTP («Operação Triunfo»), envolvendo-se logo depois com os espaços da música urbana globalizada, através de várias aventuras com *soul*, *R&B* ou *hip-hop*.

Tendo sempre a família como pilar principal, Dino decidiu ir em busca das suas raízes e partiu para a Ilha de Santiago, em Cabo Verde.

Esta viagem de descoberta revelou-se um ponto de viragem na sua carreira: começou a apostar numa nova sonoridade, fundindo a música tradicional cabo-verdiana com ritmos eletrónicos globais. Neste contexto, em 2018, Dino lançou o álbum *Mundu Nôbu*, que mistura *afro-pop* com uma visão distinta de *funaná* futurista e *batuku* eletrónico, tendo-se tornado num fenómeno de popularidade.

Cofundador do movimento Lisboa Criola, tem sido convidado a fazer a curadoria de diversas programações de música e multidisciplinares, como no programa anual da Fundação Calouste Gulbenkian, no Festival Iminente, na BoCA Bienal ou no MAAT, permitindo dar a conhecer artistas dos PALOP, sobretudo

afrodescendentes. Participou na Bienal de São Paulo em 2023, a convite de Grada Kilomba.

Rui Catalão

LIBRETO E DRAMATURGIA

Como dramaturgo e encenador, dirige documentários cénicos coreografados que cruzam memórias suburbanas e identidade geracional. Nos últimos dez anos, dirigiu um coletivo no Vale da Amoreira que representa vivências da diáspora africana em peças como *E agora nós!*, *Medo a caminho*, *A Rapariga Mandjako*, *Adriano já não mora aqui*, *Ivone!* e *Mal de Ulisses*.

Com *Dentro das palavras* (2010), iniciou uma longa série de solos autobiográficos, encerrada doze anos depois com *Vícios antigos, hábitos modernos*. Argumentista dos filmes *Morrer como um homem* e *O Capacete Dourado*, publicou monografias de Anne Teresa De Keersmaecker, Tiago Rodrigues, Ana Borralho e João Galante.

Estreou-se em palco com João Fiadeiro, em *O que eu sou não fui sozinho* (2000), depois de uma carreira como jornalista e crítico musical no Público.

Martim Sousa Tavares

DIREÇÃO MUSICAL

Martim Sousa Tavares é natural de Lisboa, onde nasceu em 1991. Formado em Ciências Musicais e Direção de Orquestra, o seu percurso académico passou por Portugal, Itália e Estados Unidos e frequente

atualmente o doutoramento em Estudos de Cultura. Fundador da Orquestra Sem Fronteiras, com a qual ganhou o Prémio Carlos Magno para a Juventude do Parlamento Europeu, é também diretor artístico da Orquestra do Algarve e do Festival de Sintra. Para além de maestro, tem sido uma voz ativa na divulgação da música clássica e no cruzamento das artes. O seu trabalho tem passado pela televisão, rádio, podcasts, palestras e muitos outros formatos.

João Martins

ARRANJOS E ORQUESTRAÇÃO

Músico, compositor, arranjador e pedagogo, João Martins iniciou o seu percurso na Filarmónica Banda Vaguense. Formado pelo Conservatório de Música de Aveiro, com o Curso Complementar Supletivo em Saxofone, João Martins é licenciado em Jazz pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto e mestre em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro (UA). Atualmente encontra-se em fase de conclusão do seu doutoramento na UA.

Desde 2012, João Martins tem vindo a colaborar, com o cantautor Miguel Araújo como arranjador e diretor musical da sua banda, assinando a coprodução e arranjos dos álbuns *Crónicas da Cidade Grande*, *Giesta* e *As Canções da Esperança*. Como músico e arranjador, já colaborou com artistas como António Zambujo, Os Quatro e Meia, Pedro Abrunhosa, Dino d' Santiago, Expensive Soul,

Mafalda Veiga, Os Azeitonas, Carolina de Deus, Marta Ren, Virgul, Virgem Suta, entre outros. Na área do jazz, já colaborou como maestro e arranjador com artistas como Shai Maestro, Mark Guiliana, Ben Wendel, Omar Lyefook, Andy Sheppard, entre outros.

Como pedagogo cria, em 2010, o primeiro Curso Profissional de Instrumentista de Jazz a nível nacional no Conservatório de Música da JOBRA, onde assume as funções diretor de curso até 2013.

Leciona também na Universidade de Aveiro, onde assume a coordenação da área do jazz, orientando, igualmente, diversos *workshops* de jazz/improvisação um pouco por todo o país.

Pedro Azevedo

CENOGRAFIA

Nasceu no Porto, em 1996, e iniciou a sua formação na Escola Secundária de Santa Maria da Feira, no curso de Artes Visuais. Terminou em 2017 a licenciatura em Teatro – Variante Cenografia, na ESMAE.

Paralelamente, tem vindo a participar em projetos e *workshops* de vários criadores ou companhias. A destacar: CirkVost, El Conde de Torrefiel, Kud Ljud, Xavier Le Roy, Ralph Lemon, Madalena Victorino, Marco Da Silva Ferreira ou Phia Ménard. Profissionalmente, colaborou com Ana Isabel Castro, Alfredo Martins, André Braga & Cláudia Figueiredo, Bárbara Tinoco, Daniela Cruz, Marcelo Evelin, Marco

Mendonça, Mickaël de Oliveira, Pedro Penim, Roberto Olivan/Companhia Instável, Raquel S., Raimund Hoghe, Rodrigo Leão, Tónan Quito ou Víctor Hugo Pontes, entre outros.

Desde 2016 desenvolve, em cocriação com Guilherme de Sousa, projetos que cruzam as artes plásticas com performativas, desenvolvendo um especial interesse por teatro, dança e instalação. Em dezembro de 2019 fundaram juntos a BLUFF, uma associação cultural sediada no Porto.

Em dupla com Guilherme de Sousa, foi Jovem Artista Associado do Teatro Municipal do Porto pelas temporadas 2019/20 e 2020/2021. Em março de 2023 recebeu o Prémio Revelação AGEAS Teatro Nacional D. Maria II.

Rui Monteiro

DESENHO DE LUZ

Nasceu em Portugal, em 1988. Desenhador de Luz sediado em Paris e Lisboa, participou em mais de uma centena de criações nas áreas do teatro, ópera, dança, arquitetura e cinema em vários locais do mundo. Trabalhou como designer de iluminação em espetáculos de Tiago Rodrigues, Bob Wilson, Gus Van Sant, Tânia Bruguera, Luís Miguel Cintra, Baboo Liao, Carlos Pimenta, Gintare Minelgaite, Marco da Silva Ferreira, James Bonas, Jorge Andrade, Marta Pazos, Mickael de Oliveira, Miguel Fragata, Nicola Raab, Nuno Carinhas, Pedro Penim, Rodula Gaitanou, Tiago Guedes, Marco Mendonça, entre

outros. Participou com instalações no programa de verão do Watermill Center, em Nova Iorque, em 2014, 2015 e 2016, juntamente com artistas como Jim Jarmusch, Cocorosie e Dimitris Papaioannou. Foi designer de iluminação do filme *Diários de Otsoga*, de Maureen Fazendeiro e Miguel Gomes. Na área da música, é responsável pela criação de luz do músico Gabriel Ferrandini.

Recentemente, lecionou duas masterclasses sobre design de iluminação na TNS École, em Estrasburgo.

Atualmente, prepara os seus novos projetos com Tiago Rodrigues, John Romão, Dino Santiago, Chrysta Bell, Marco da Silva Ferreira, Miguel Fragata, Carlos Pimenta, Paul Girard Girard, Ikram Benchrif e Les Percussions de Strasbourg.

Solange Freitas

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO

Nasceu em Lisboa. Licenciada em Teatro/Atores-Encenadores pela ESTC. Estudou Psicologia Clínica no ISPA. Atualmente, frequenta o mestrado em Ciências da Comunicação – Comunicação e Artes da Nova FCSH.

Em 2007, com Catarina Vieira, criou *Lá e Cá*, um dos vencedores do Projeto Jovens Artistas Jovens / CCB. Trabalhou com O Bando no espetáculo *Em Brasa* e em *Os Bigodes das Res Pública*. Trabalhou como atriz no espetáculo *Poltrona – Monólogo para uma mulher*, de Cláudia Lucas Chéu, e nos filmes

Retornos, de Luís Avilés, e no *Filme do Desassossego*, de João Botelho. Trabalhou com John Romão em *Eu não sou bonita. Eu sou o Porco*. Colaborou como atriz e assistente de encenação, no espetáculo *Violência*, de Cláudia Lucas Chéu. Criou os espetáculos, também em parceria com Catarina Vieira, *Temporária*, apresentado no Festival Temps d'Images/CCB; *Fora de Jogo*, apresentado no Festival Temps d'Images; *O Festim – do fim das coisas nada sabemos*, também em cocriação com Tiago Cadete, no Festival Temps d'Images; *Bugs*, apresentado no Festival Internacional de Teatro y Artes de Calle de Valladolid e no Rio de Janeiro. Assistência de encenação e produção de *Teorema* e *Pocilga*, de John Romão. Direção artística em parceria com Catarina Vieira do espetáculo *Ex Machina*, apresentado no Festival Temps d'Images. *Go Tell Fire To The Mountain*, no Festival Internacional de Teatro y Artes de Calle Valladolid. Em 2017, integrou o espetáculo *Um libreto para ficarem em casa seus anormais*, encenação de Albano Jerónimo; em 2018, o espetáculo *A Vida de John Smith*, de Mickaël de Oliveira. Em 2019/20, trabalhou como assistente de encenação no espetáculo *Virgens Suicidas*, de John Romão. Tem publicado em revistas e antologias. *Espelho-Cão*, publicado em 2024 pela Labirinto, é o seu primeiro livro de poesia.

Francisco Pessoa Júnior

DIREÇÃO VOCAL

É diplomado com grau de Mestre em Teatro – Especialização em Artes Performativas pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa/ESTC. Está atualmente no terceiro ano da licenciatura em Teatro/Produção da ESTC. Com experiência internacional em teatro e música, participou do *showcase* do musical *The Bow Maker*, no National Theatre of Scotland, do compositor Finn Anderson, Direção Musical de Daniel Jives e Encenação de Tânia Azevedo. Protagonizou e participou em espetáculos dirigidos por João Mota, Filipe La Féria, António Feio, Fernando Gomes, João Brites, Henrique Feist, João Didelet, Pedro Ribeiro, Finn Anderson, John Gardyne, Tânia Azevedo, Gus Van Sant, tendo tido outras participações em cinema e televisão. Tem desenvolvido trabalhos na dimensão plástica do espetáculo (caracterização e adereços). Como criador e cocriador, integrou a conceção dos espetáculos *Nome de Mulher*, *Novelo*, *JJ*, *Planeta Tupi*, *Orgulho e Preconceito – Um Musical Contemporâneo*, *O Rapaz de Bronze*, *A Ilha*, *Pocahontas*, entre outros. Paralelamente, tem desenvolvido competências de direção musical / adaptação para português em dobragens (filmes / séries de figura humana e animação).

Koffy

INTÉRPRETE

Koffy tem 19 anos e nasceu em Lisboa, Portugal. Desde muito cedo desenvolveu uma ligação profunda com a música, tendo iniciado a sua formação vocal por volta dos 9 anos no Instituto Gregoriano de Lisboa. Ao longo da sua infância e adolescência, dedicou-se intensamente ao estudo da música, o que a levou a ingressar no curso profissional em Canto no Conservatório Nacional de Lisboa. Esta formação permitiu-lhe desenvolver, não só as suas competências técnicas, mas também a sua sensibilidade artística e interpretativa. O seu objetivo é construir uma carreira como cantora profissional, através da qual possa expressar a sua identidade, emoções e visão artística. Koffy acredita na música como forma de comunicação e verdade, e é nesse caminho que procura crescer, aprender e partilhar o que é.

Michele Mara

INTÉRPRETE

Michele Mara é cantora, compositora e atriz, com uma trajetória artística marcada pela força da sua voz e pela representatividade. Formada em Canto Popular pelo Conservatório de MPB de Curitiba e licenciada em Musicoterapia, construiu uma carreira sólida, unindo talento e consciência social. Reconhecida como a maior intérprete de Aretha

Franklin do Brasil e da América Latina, conquistou prêmios no tradicional programa Domingão do Faustão (TV Globo) e destacou-se como atriz numa longa-metragem e em oito produções de teatro musical. Desde 2016, é organizadora da Marcha do Orgulho Crespo de Curitiba e, após mudar-se para Portugal, em 2018, criou a Feira Afro Empreendedora do Porto. A partir daí, ampliou o seu ativismo e ganhou ainda mais visibilidade ao participar no «The Voice Portugal», em 2019. O seu trabalho de representação e inclusão foi reconhecido internacionalmente em 2023, quando recebeu o prémio O Melhor do Brasil no Mundo, na categoria «Rainha Diambi de Inclusão de Raça», no Parlamento Britânico, em Londres, promovido pela High Profile Magazine. Em 2025, Michele Mara é indicada ao Prémio Best of Brazil, a maior distinção para brasileiros que vivem no exterior. Representando Portugal, concorre na categoria «Melhor Cantora Brasileira no Mundo», numa cerimónia que terá lugar em Nova Iorque.

Soraia Morais

INTÉRPRETE

Soraia Morais nasceu em Leiria em maio de 1993. Começou a dar os primeiros passos no mundo da música a fazer refrões para o álbum de um MC local e, de seguida, integrando uma banda de arraiais e outra de música africana. Em 2014,

nasceu a primeira música original da Soraia Morais intitulada de *Se for amor*, produzida por um produtor angolano. Depois deste tema, Soraia Morais fez outros dois, com o mesmo produtor, e lançou dois originais como independente. Entretanto, em 2016, Soraia Morais integrou um projeto chamado Sons Lusófonos – só com guitarra e voz. Mais tarde, nasceria novo projeto, também com guitarra e voz: os On Groove. Em 2022, Soraia Morais participa no concurso «The Voice Portugal», atingindo o Top 8. Após a experiência subiu a diversos palcos. Identificando-se com vários ritmos, atualmente aventura-se numa fusão de estilos, passando pelas suas origens africanas e portuguesa, bem como outros que fizeram parte do seu percurso musical, como o *Hip-Hop*.

Rebeca Reinaldo

INTÉRPRETE

Rebeca Reinaldo nasceu há 31 anos, em Lisboa. Trabalha atualmente como atriz e cantora. Desde muito cedo mostrou um interesse genuíno pela música, tendo estudado na Escola Metropolitana de Lisboa e, mais tarde, na Escola de Música do Conservatório Nacional, onde integrou o curso de Canto. Não tardou a entrar para o mundo do espetáculo quando, aos 12 anos, se estreou no musical *Música no Coração*, de Filipe La Féria. Desde aí, fez parte de produções da Plano 6, Yellow Star Company e Teatro Independente de Oeiras, onde,

para além dos seus papéis como atriz e cantora, assumiu também a direção musical. Em 2022, participou no «The Voice Portugal», onde chegou até à final do programa, conquistando o terceiro lugar. Em 2024, voltou ao Teatro Politeama para protagonizar o espetáculo musical *A Bela e o Monstro*, de Filipe La Féria. Atualmente, canta profissionalmente em coros como Gospel Collective e Tune Up Voices, fazendo coros para vários artistas portugueses. Dá também voz a alguns projetos de locução e dobragens.

Cati

INTÉRPRETE

Cati pisa os grandes palcos portugueses há mais de 20 anos com vários projetos e artistas de relevo nacional, tais como Expensive Soul, Rui Veloso, Sara Tavares, Dino D'Santiago e Cuca Roseta, num percurso que contou também com a sua participação na segunda edição do programa «Operação Triunfo» da RTP, em 2003.

Em 2013, editou o seu primeiro álbum, intitulado *Dentro*, com Tiago Costa – produtor, maestro, arranjador e pianista que produziu conhecidos nomes da música popular brasileira, tais como Maria Rita –, trazendo ressonâncias musicais de alguns dos seus compositores brasileiros favoritos. O segundo álbum surge em outubro de 2018. Em *Estrangeira*, descobre-se como compositora das suas próprias canções que,

de mãos dadas com a estética contemporânea, tocam uma portugalidade universal com visita às suas raízes minhotas. Nesta viagem, contou com a participação de Jaques Morelembaum, convidado especial. Em 2023, volta a surpreender-nos com o lançamento dos singles *Flutuar* e *Vem Dizer*. Ambas as canções emanam a sensibilidade e profundidade próprias da artista e marcam o movimento para uma nova fase criativa, de carácter muito orgânico e fruto do seu percurso de descoberta pessoal e artística. Setembro de 2024 marca o lançamento do seu mais recente projeto, *Lugares Incomuns*, que iniciou com concertos únicos em locais inesperados, dando primazia à proximidade com o público.

NBC

INTÉRPRETE

Nascido em 1974 em São Tomé e Príncipe, NBC (Timóteo Tiny) é caracterizado pelas suas *performances* ao vivo que cruzam *soul*, *R&B*, *drum and bass*, *rock* e eletrónica e também pela versatilidade com que cria e transforma versões acústicas. É autor de temas como *Segunda Pele*, *NBCioso* e *Espelho*, esta última com quase 4 milhões de *views* no YouTube. O seu disco *Toda a Gente Pode Ser Tudo*, de 2016, foi considerado um dos melhores do ano pela imprensa nacional. Pelo caminho, conta com a edição de um

EP, *EPidemia* (2013), e de dois discos: *Afrodisíaco* (2003) e *Maturidade* (2008), o último aclamado pela crítica. Fez digressão com a banda GNR e, em 2015 e 2018, viajou até ao Brasil para uma tour de cerca de 40 dias em diferentes estados. Em 2019, participou no «Festival da Canção», com a canção *Igual a Ti*, tendo conquistado o segundo lugar do concurso. Em 2021, continuou a sua saga de EPs, ao lançar *Epiderme*, onde assumiu toda a criação, que se fez em casa, durante a pandemia. No final desse ano, fez parte da digressão de Cotton Xmas com Cais Sodré Funk Connection, banda da qual é agora também o novo *frontman*. Sairia igualmente das suas mãos a realização do filme *Epílogo* (2022), curta-metragem e banda sonora que reflete a sua vida artística e pessoal.

Carrossel é agora o nome do seu próximo trabalho discográfico, com edição prevista para 2025, sendo este o quarto álbum de uma carreira com mais de 30 anos.

Rúben Gomes

INTÉRPRETE

Rúben Gomes é um ator português com uma carreira no teatro, televisão e cinema. Com uma formação sólida e um talento multifacetado, Rúben tem demonstrado uma capacidade para interpretar personagens em diversos registos e contextos artísticos. A sua carreira no teatro é marcada por uma constante presença nos Artistas Unidos, onde

tem trabalhado sob a direção de Jorge Silva Melo. Algumas das suas *performances* mais notáveis incluem: *O Rio* (Jez Butterworth), que lhe valeu uma nomeação para Melhor Ator de Teatro nos Globos de Ouro de 2017; *Dias de Vinho e Rosas* (Owen McCafferty), nomeado aos Prémios Autores da SPA; e *Remédio* (2024), que também lhe rendeu uma nomeação para Melhor Ator de Teatro nos Globos de Ouro de 2024. Rúben também participou em outras produções marcantes, como *O Regresso a Casa*, *Gata em Telhado de Zinco Quente*, *Doce Pássaro da Juventude* e *Vidas Íntimas*, consolidando sua reputação como um dos grandes atores do palco português.

Rúben Gomes iniciou a sua carreira televisiva em 2005, com a sua participação na série juvenil *Morangos com Açúcar* (TVI). Desde então, foi presença constante em diversas telenovelas e séries de grande sucesso. Rúben consolidou-se como um dos atores mais queridos e respeitados do público português, destacando-se pela sua capacidade de adaptação a diferentes géneros e personagens. Rúben Gomes também tem uma carreira destacada no cinema, participando em longas-metragens e curtas que lhe permitiram explorar novos desafios artísticos. Entre os seus projetos cinematográficos mais notáveis, destacam-se: *Salgueiro Maia – O Implicado*; *O Estranho Caso de Lázaro*; e *Ainda Não*

Acabámos – Como Se Fosse Uma Carta. Rúben também participou em várias curtas-metragens, como *O Teu Sapato*, *Daiquiris de Morango* e *Procuo na Noite*.

Djodje Almeida

MÚSICO

Nascido em Cabo Verde, Djodje Almeida começou sua jornada musical nas ilhas, mas foi em Portugal que encontrou o seu lar artístico. Colaborou com grandes nomes como Mayra Andrade, Ana Moura, Dino d'Santiago e Slow J, tanto em *performances* ao vivo como em gravações de estúdio. Apesar da sua juventude, Djodje é um guitarrista que vem consolidando o seu lugar na cena musical.

O seu talento é profundamente enraizado na tradição dos grandes músicos cabo-verdianos, os mestres da velha guarda que eram mais do que virtuosos nas cordas: compositores, intérpretes e instrumentistas que moldaram e continuam a moldar a essência da música das ilhas e a sua capacidade evolutiva e adaptativa. Mais do que um guitarrista, Djodje Almeida é um artista que procura algo que transcende a compreensão comum. A sua procura não é mero perfeccionismo, mas uma tentativa de tocar a essência mais pura da condição humana, cravada nas cordas de sua guitarra. Talvez um dia ele alcance essa compreensão. Por agora, a sua metamorfose musical leva-o partilhar palcos

e estúdios com grandes músicos das mais diversas facetas musicais, especialmente do mundo lusófono, onde sua alma musical continua a evoluir.

Mais Hreish

MÚSICA

Mais Hreish é uma flautista palestina da Nazaré e trabalha como música de câmara e orquestra. Mais é membro permanente da Orquestra da Galileia. Circula internacionalmente com vários conjuntos e toca em reconhecidas salas de concerto, entre elas o Carnegie Hall, Lincoln Center, Konzerthaus Berlin, Berlin State Opera, Hessisches Staatstheater Wiesbaden, Vienna Konzerthaus e o Mariinsky Theatre. Mais foi uma das fundadoras do Make Freedom Ring, um coletivo de músicos clássicos comprometidos em angariar fundos para contribuir para os esforços humanitários na Palestina. Mais completou o seu B.A. em música clássica no Conservatório de Música da Universidade de Bard, em Nova Iorque, tendo-se também graduado pelo Artist Diploma Program na Barenboim Said Akademie, em setembro de 2020, onde estudou com Claudia Stein e Leonid Grudin, da Ópera Estatal de Berlim. Além da sua carreira como música clássica, Mais tem-se comprometido com o serviço público e com a diplomacia cultural. Atualmente, Mais Hreish é a gerente do portfólio do Médio Oriente e

Norte de África para a Save the Children – Alemanha.

Iuri Oliveira

MÚSICO

Percussionista, multipercussionista, compositor, pesquisador, sonoplasta e produtor musical, Iuri Oliveira pretende oferecer ao mundo um vocabulário rítmico próprio, uma voz íntima, um contributo capaz de cruzar fronteiras musicais e unir diferenças. Formado na The Rhythm Studio (London School of Popular Music) e na Drumdrumdrum na Holanda, é um intérprete ativo em múltiplos estilos de percussão e tradições rítmicas, numa pluralidade de sonoridades que vai do fado à *world music*, do *latin jazz* à fusão, da *pop* às sonoridades sul-americanas e da música eletrónica à improvisação livre.

Iuri é um estudioso criativo e expressivo da música portuguesa e destaca-se pela abordagem abrangente e própria, que o tem levado a trabalhar com músicos e compositores dos mais diversos géneros musicais, de muitas partes do mundo, incluindo bandas sonoras para cinema e teatro.

Com uma ampla experiência ao vivo, sobretudo como músico *sideman*, tem vindo a pisar os mais emblemáticos palcos portugueses e também do mundo, como por exemplo, o icónico MGM Grand Garden Arena, em Las Vegas, onde atuou com Madonna nos Billboard Music Awards de 2019. Colabora

ativamente como músico de estúdio para artistas de todo o mundo. Também a partir do seu estúdio pessoal, onde à linguagem que absorveu de mentores como Giovanni Hidalgo, Mariano «Tiki» Cantero, Marcelo Wolosky, Roël Callister, Marcus Santana, Jarrod Cagwin, acrescenta a sua inspiração, cria universos e intenções únicas para cada conceito musical a que se propõe.

Raúl da Costa

MÚSICO

Raúl da Costa, pianista premiado em diversos concursos nacionais e internacionais, é, desde muito novo, presença recorrente nas salas mais emblemáticas do país, ao mesmo tempo que figura em palcos e salas por toda a Europa, Ásia e Estados Unidos da América.

Nasceu na Póvoa de Varzim em 1993 e residiu na Alemanha por diversos anos, onde estudou com os famosos Professores Karl-Heinz Kämmerling e Prof. Bernd Goetzke, terminando posteriormente a sua pós-graduação com o Prof. Kirill Gerstein na Hochschule für Musik Hanns Eisler Berlin.

Teve, também, oportunidade de trabalhar com Daniel Barenboim, Dmitri Bashkirov, Ferenc Rados, Boris Berezovsky e Maria João Pires. Foi bolseiro da Yamaha Musical Foundation of Europe, da Yehudi Menuhin Live Music Now, Foundation e da Fundação Calouste Gulbenkian. Apesar da sua jovem idade, fez

a estreia absoluta de obras de compositores como Luiz Costa, Fernando Lopes-Graça, Eduardo Patriarca, Valentin Silvestrov, Francisco Coll, tendo também trabalhado com os compositores Thomas Adès e Brad Mehldau. Aos 12 anos de idade fez a sua estreia com orquestra na Casa da Música e, desde então, tem colaborado com renomados maestros e orquestras por todo o mundo. Em 2018, Raúl da Costa assumiu o cargo de Diretor Artístico do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim.

Orquestra Sinfónica Juvenil

Fundada em 1973, a Orquestra Sinfónica Juvenil é, hoje, reconhecida como uma instituição fundamental no nosso panorama músico-pedagógico. Sendo em Portugal a única orquestra de jovens com atividade permanente, desempenha um papel fulcral na formação de jovens músicos, numa perspetiva de aperfeiçoamento de alto nível e profissionalização. Nestes 49 anos de existência, a OSJ recebeu e formou muitos dos atuais instrumentistas das nossas orquestras, incentivou e deu a conhecer ao público muitos jovens solistas e levou a sua ação em favor da cultura musical a todo o país, contribuindo para a criação de novos públicos.

Contando nos seus quadros com 70 elementos das diversas escolas de música da área de Lisboa, o

seu repertório, em permanente renovação, é ambicioso e vasto: foram já tocadas mais de 800 obras abrangendo os séculos XVIII, XIX e XX. A OSJ e os seus agrupamentos são convidados para atuar em importantes acontecimentos artísticos. A OSJ desenvolve as suas atividades com o apoio do Ministério

da Cultura, Instituto Português do Desporto e Juventude, RTP, Câmara Municipal de Lisboa e com o apoio mecenático da Fundação EDP, instituição com a qual tem desenvolvido um fecundo programa de bolsas.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter



Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

Biennial of Contemporary Arts



Camino Irreal

Lisboa 10.09.2025 – 26.10.2025 Madrid

Apoio institucional / Apoio institucional



Financiamento / Financiación



Apoio ao programa educativo / Apoio al programa educativo



Apoios / Apoyos



Parcerias de programação / Alianzas de programación



Parcerias media / Alianzas mediáticas



Parceria de divulgação / Alianza de difusión



BoCA - Biennial of Contemporary Arts Curador BoCA 2025 **John Romão** Direção executiva **Suzanne Marivoet** Direção de Produção **José Maria Cortez** Coordenação BoCA Madrid **Lorenzo Pappagallo** Administração **Rita de Neves Dias** Produção Executiva **Inês Sampaio**, **Olivia Portellada**, **Filipe Metelo**, **Ira Leite Velho** (Lisboa) **Marisol Pérez**, **Lucía Mancheño**, **Patricia Torrero**, **Ana Caballero Menéndez** (Madrid) Direção Técnica **Carlos Arroja** | Arte da Luz (Lisboa) **Matxalen Diez** (Madrid) Comunicação **Maria Barbosa de Carvalho** Assessoria de Imprensa **This is Ground Control** (Lisboa) **Cultproject** (Madrid) Difusão **Inês Le Gué** | **jardin&cour** Mediação BoCA Sub-21 **Sara Franqueira** (Lisboa), **Sara Coelho Galán** (Madrid) Identidade BoCA 2025 **Ana Resende StudioDesign** **Miguel Santos Fotografia** **Bruno Simão** (Lisboa) **Raimundo Pérez-Messina** (Madrid) Vídeo **Waves of Youth** Tradução **António Borges da Costa** **Mendes Joseph Owen** Contabilidade **Contas ao Cubo** Apoio Jurídico **PLMJ**

